

## O Homem Genérico como Telos Imanente da História: o mito "religioso" de Marx?

*José Crisóstomo de Souza*

Professor Adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade Federal da Bahia. Doutor em Filosofia Política pela Unicamp



No que tange a uma apreciação de ressonâncias semânticas, é possível que o materialismo histórico, pensado nas línguas latinas, revele melhor o que poderíamos chamar de seu horizonte *antropológico*, melhor do que mesmo no original alemão. Na concepção do Marx maduro, o *gênero* (Gattung) ou o *ser genérico* (Gattungswesen) pode não aparecer expressamente, mas é possível perceber que o objeto da sua preocupação são ainda os homens na sua generalidade. Não que para o materialismo histórico eles sejam sempre os mesmos. Antes, pelo contrário, a história é o marco em que se apresentam arregimentados em grandes classes conflitantes. Mas, ainda assim, numa *sucessão de ge(ne)rações* (IA 65, d45),<sup>1</sup> e em direção ao homem propriamente genérico. Tal concepção da história, aliás, poderia mesmo ser representada, *de uma maneira especulativa e idealista*, como o auto-engendramento (Selbsterzeugung) do *homem* - como o próprio Marx admite (67, d37).

A perspectiva materialista da *Ideologia Alemã*, em particular, é a da gênese e da geração, do interesse ge(ne)ral e do homem genuíno. Marx, aí, já não é o mesmo humanista dos *Manuscritos de 44*. Conjuga antes o espinozoano verbo *engendrar*, do que os aparentados e feuerbachianos *degenerar* e *regenerar*. Com isso, porém, seu discurso não se dissocia inteiramente do campo semântico desses dois. Não é preciso, no entanto, insistir muito nas associações

semânticas e etimológicas, para perceber Marx ainda comprometido com o *gênero* e para apreender a permanência e transformação do princípio do *homem genérico*, ainda num texto capital do materialismo histórico, como é a *Ideologia Alemã*.

O que é o comunismo - que Marx ainda chama aí de *humanismo real*<sup>2</sup> - na nova *concepção materialista da história*? Antes de mais nada, o comunismo supõe o fim da divisão do trabalho, e essa está, para Marx, praticamente, na raiz de todas as contradições que flagelam o gênero humano (IA 61). Ela está por trás da separação entre prazer e trabalho e entre interesse particular e interesse geral (61-2). Graças a ela, os indivíduos encontram-se escravizados a uma determinada esfera de atividade (63, 80). A divisão do trabalho é ainda, e, sobretudo, responsável pela transformação das *potências pessoais* em *potências objetivas* (93), com a perda de controle, pelos indivíduos, de sua atividade social (63). Essa situação, em que a força multiplicada e as relações sociais, resultantes

<sup>1</sup> Por simplificação, utilizo a abreviação IA para me referir à *Ideologia Alemã*, de Marx e Engels, obra que cito mais frequentemente. Também para ela ofereço algumas vezes duas indicações de página para a mesma citação; além da que remete à tradução francesa das Éditions Sociales, uma outra, da Dietz (MEW), alemã, distinguida por *d*.

<sup>2</sup> Marx ainda usa a expressão *humanismo real* num trecho, depois riscado, do manuscrito da *Ideologia Alemã* (cf. IA, p. 68-9).

da cooperação dos indivíduos, aparecem como algo de *estranho*, que *não conseguem dominar*. Marx não regateia em chamar de *alienação* (63)<sup>5</sup> - mesmo que com aspas. Ora, é a ela que a revolução comunista deve suprimir, abolindo, por fim e definitivamente, a divisão do trabalho (61, 63), e instaurando o homem genérico, digo, o comunismo, em seu lugar.<sup>6</sup>

A revolução comunista, na *Ideologia Alemã*, parece representar, simplesmente, a *derrocada do estado social atual* (IA 67, d37) necessária *para fundar a sociedade sobre bases novas* (68). Mas, na verdade, significa muito mais que isso. Ela envolve uma tal mudança, uma tal inversão ou negação, que, para Marx, além de implicar na *dissolução de todas as classes* (68), representará a *apropriação*, pelos indivíduos, da *totalidade das forças produtivas* (103, d67), e mesmo, a inauguração de uma outra história! (104, d68). Com o comunismo, todo indivíduo *ver-se-á libertado das limitações nacionais e locais* e não mais estará submetido *a uma esfera de atividade exclusiva* (63). Nele, cada homem poderá *fazer uma coisa hoje e amanhã outra*, por exemplo: *caçar, pescar, fazer a crítica, sem jamais tornar-se caçador, pescador ou crítico* (63). O comunismo é, finalmente, a transformação dos indivíduos em *indivíduos completos* (104, d68), é a criação do indivíduo verdadeiramente universal (94).

Naturalmente, Marx sabe, pois não é um idealista qualquer, que *só é possível realizar uma libertação real do "homem", no mundo real e com meios reais* (IA 52-3). E que tudo isso supõe um determinado *desenvolvimento das forças produtivas e de relações universais* de intercâmbio (64, d35). Mas, como ele próprio diz, são aqueles *indivíduos completos - os indivíduos que não estão subordinados à divisão do trabalho - que os filósofos representam como ideal, sob o termo de "homem"* (104, d69). Portanto, o comunismo é, finalmente, a instauração do *homem* (ideal), do homem

genérico que é o resultado da história (67, d37). E, já vimos, a sucessão histórica dos ainda-não-homens *pode ser representada como um indivíduo único que realizaria esse mistério de engendrar-se a si mesmo, como homem* (67, d37).

Também nesse caso, os escritos anteriores ajudam a tornar visíveis certas *implicações* mais ou menos submersas pela nova postura teórica do Marx maduro. Coisas que ele agora, muitas vezes, só se permite mencionar como simples alegorias ou concessões à fantasia dos filósofos. Nos *Manuscritos Econômicos e Filosóficos* (de 1844), ele declarava literalmente que o *ato de nascimento do homem* (que, como tudo que é *natural*, diz Marx, precisa nascer) é *a História*.<sup>5</sup> Que é simplesmente o *engendramento do homem pelo trabalho humano*.<sup>6</sup> Como tal engendramento ainda não se completou, podemos inclusive concluir que, para Marx, os indivíduos atualmente existentes não são verdadeiramente *homens* - por esdrúxula que a idéia possa parecer! Tal idéia, por certo, deixaria muita gente indignada, mas é bem o que Marx sustenta na própria *Ideologia Alemã*, quando reprova *os filósofos* (seus companheiros e rivais na esquerda hegeliana) por não dizerem diretamente que *não sois homens*, mas apenas que vos falta a *consciência* de homens (IA 283, d232).

Quanto ao comunismo, Marx afirma precisamente a mesma coisa nos *Manuscritos*, que a propósito do *homem*: *o movimento inteiro da história é seu ato de procriação real, o ato de nascimento de sua existência empírica*.<sup>7</sup> Que será,

<sup>5</sup> A essa altura, Marx justifica a utilização do termo, a fim de que nossa exposição seja inteligível para os filósofos (IA, p. 63).

<sup>6</sup> Em *O Gênero e a Massa* (1844), Bruno Bauer, agora adversário de Marx, vê o comunismo com pretendendo representar a regeneração do gênero, enquanto a massa seria justamente o gênero decaído e decomposto (cf. Bauer, *The genus and the crowd*, p. 128).

<sup>7</sup> MARX, Karl. *Manuscritos de 1844*. Paris: Éditions Sociales, 1972. p. 138.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 99.

<sup>9</sup> *Ibidem*, p. 87.

afinal, a solução do antagonismo entre homem e natureza e da oposição dos homens entre si. Bem como será o fim da luta entre existência e essência, e indivíduo e gênero (IA 283, d232) - tudo o que, para bom entendedor, Marx repete na *Ideologia Alemã*. O comunismo é exatamente o *homem* realizado, o *gênero* constituído, e Marx, na *Ideologia*, tem apenas que mencionar aquele (o comunismo) no lugar deste (o homem genérico).

A história, pelo que vimos, não é história real do homem enquanto sujeito dado de antemão, já que representa seu ato de engendramento ou nascimento.<sup>8</sup> Ora, o mais interessante a respeito de tal concepção é que sua origem imediata encontra-se em Hegel, particularmente, na *Fenomenologia do Espírito*. O grande mérito desta obra, para Marx, estaria justamente em que ela apreende a *auto-produção do homem como um processo*. Ela concebe o homem como resultado de seu próprio trabalho, que é o *dever para si do homem no interior da alienação*.<sup>9</sup> Hegel teria encontrado apenas a expressão abstrata e especulativa, do movimento da história.<sup>10</sup> Mesmo assim, é segundo a receita do grande filósofo especulativo (e da *Fenomenologia*), que Marx representará tal movimento como engendramento do comunismo e do homem-sujeito. Talvez mais interessante do que essa constatação, entretanto, é notar como o que Marx afirma aqui a respeito do *homem*, corresponde ao que é dito na *Fenomenologia* a propósito do... Espírito. Com o que, em Marx, o *homem* parece ser mesmo um novo avatar do Espírito Absoluto...

Que tal figura - o homem - está concebida segundo a imagem do Espírito, de Hegel, o próprio Marx encarrega-se de mostrar nas obras anteriores, e ainda, tacitamente, na *Ideologia Alemã*. Em Hegel, o Espírito vem propriamente no fim; seu processo de constituição *precisa de um sujeito*, que todavia *só aparece como resultado*.<sup>11</sup> Ora, na *Sagrada Família* (1845), Marx afirma que o

Espírito Absoluto é o *homem* e o *gênero* sob *vestimenta metafísica*, e atribui a Feuerbach e a glória de ter realizado seu *destravestimento*.<sup>12</sup> Pelo que vimos até aqui, porém, Marx vai se aproximar mais do que Feuerbach, do modelo hegeliano, defendendo a historicidade do homem-espírito, e concebendo-o como resultado do referido processo.

Na concepção hegeliana, o Espírito, no seu *dever*, aliena-se de si mesmo na *sua* substância, o mundo material.<sup>13</sup> Marx, na própria *Ideologia Alemã*, tem também uma versão para isso, que é a dominação do homem pelas *circunstâncias sociais*, com a divisão do trabalho. Assim, o homem, tal como o Espírito na substância, está primeiro como negado nas relações sociais existentes.<sup>14</sup> E só com a universalização das relações sociais e o fim da divisão do trabalho se constituirá em universal para si e verdadeiro sujeito. É esse o futuro que lhe espera.<sup>15</sup>

<sup>8</sup> MARX, Karl. Op. cit., p. 128.

<sup>9</sup> *Ibidem*, p. 133.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 128.

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 144. Tal resultado é, em Hegel, nada menos que Deus, o Espírito Absoluto, a *Idéia* (cf. MEF, p. 144). Da mesma maneira, na *Filosofia da História* de Hegel, o Espírito é o resultado de sua atividade e a história o curso de seu desenvolvimento.

<sup>12</sup> MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *La sainte famille*. Paris: Éditions Sociales, 1972. p. 166-7.

<sup>13</sup> A substância, diz Hegel, é o em si, o si mesmo do Espírito que ainda não está ali, o Espírito em seu *dever*. É a história é o movimento de transformação do em si em para si, da substância em sujeito (HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia del espíritu*. México: Fondo de Cultura Económica, 1973. p. 467-9).

<sup>14</sup> Cf. também *6ª tese ad Feuerbach* (Marx, *Thesen über Feuerbach*).

<sup>15</sup> A comparação da concepção de Marx com a da *Fenomenologia*, e do homem marxiano com o Espírito hegeliano, tem ainda um ponto digno de ser mencionado. Hegel faz corresponderem história individual e história universal, de maneira tal que o indivíduo singular reproduz, na sua biografia, o percurso geral do gênero e da história toda. Isso Marx não vai fazer: no seu caso aparentemente o indivíduo não pode representar tanto, compreendendo em si, mesmo que resumidamente, a dimensão da história.

Para o filósofo marxista Louis Althusser - é assim que ele próprio resume a *tese essencial* de seus estudos - Marx abandona o *homem* hegeliano-feuerbachiano, e o discurso *ideológico* humanista, em 1845, quando funda a verdadeira *ciência da história*.<sup>16</sup> A partir de então, Marx afastar-se-ia completamente de *toda teoria que fundamente a história e a política numa essência do homem*, e rejeitaria *toda a problemática da filosofia anterior*.<sup>17</sup> Ora, como pode ser assim, se o próprio Marx acredita, tanto nas *Teses ad Feuerbach* como na *Ideologia*, que justamente agora consegue resolver (*num fato empírico e na prática*) *todo problema filosófico profundo* e todos os *mistérios* da filosofia?<sup>18</sup> Para Althusser, a ruptura com o *homem* e a *essência* estaria expressa na afirmativa de que *esta não é um atributo dos homens tomados isoladamente, mas o conjunto das relações sociais*.<sup>19</sup> Como entendemos, porém, tal proposição significa apenas que tal *essência* encontra-se *hegelianamente* em *devir*, nas relações sociais.

Althusser acha ainda que Marx, na sua teoria científica da história, substitui a oposição *indivíduos-essência*, por conceitos inteiramente novos, como forças produtivas, relações de produção etc. - o que significaria uma *revolução teórica total*.<sup>20</sup> De fato, não há dúvida de que se trata de uma extraordinária revolução conceitual: Marx dispõe agora, com sua teoria nova, de uma concepção que empresta sentido *empírico* àquela oposição e concebe como resolvê-la *na prática*, pela revolução. Certamente tal concepção não é um humanismo *contemplativo* e, contraditoriamente, *empirista* à la Feuerbach. Mas, tampouco, representa simplesmente uma pura *ciência da história*. Pois por ela se é solicitado a entender que são determinadas *relações de produção*, decorrentes da *divisão do trabalho*, que apartam o homem da sua *essência* - mesmo com aspas.<sup>21</sup> E a imaginar que aquelas relações representam um momento do

devir desta *essência*, uma vez que ela não está dada de antemão, nem tampouco pertence ao indivíduo isolado. Trata-se de uma concepção revolucionária, coisa que a de Feuerbach claramente não é. Na qual, contudo, a *essência* e sua realização no comunismo não parecem ter perdido o caráter de um ideal (inscrito na história, naturalmente), nem a força de uma *missão* - antes, pelo contrário.

Althusser acha que, quando Marx diz que *a essência humana é o conjunto das relações sociais*, não se trataria mais daquela, *mas do conjunto das relações sociais*.<sup>22</sup> Ora, Marx está claramente propondo uma noção de *essência humana (real)*, no lugar de outra - dada, *muda, natural* etc. - a de Feuerbach. Por que não tomá-lo respeitosamente a sério, se, à luz da *filosofia anterior* (o hegelianismo), suas palavras podem ser aceitas pelo que dizem? Tanto mais que, na sequência, Marx deixa patente como seu ponto de vista é exigido para uma *crítica* daquela *essência humana real* (enquanto *desvirtuada*), coisa que Feuerbach não alcança fazer. Ao contrário do que sugere Althusser, o problema de Marx não é apenas *pensar* a realidade,<sup>23</sup> mas *crítica-la*.

Para Althusser, *o par humano-desumano constitui o princípio oculto de todos os humanismos*.<sup>24</sup> Não será esse, ao contrário, o princípio manifesto de todo humanismo e o princípio mais ou

<sup>16</sup> Cf.: ALTHUSSER, Louis. Sobre a evolução do jovem Marx. In: *Posições 1*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

<sup>17</sup> Cf.: ALTHUSSER, Louis. Marxismo e humanismo. In: *A polémica sobre o humanismo*. Lisboa: Presença, /s.d./, p. 20.

<sup>18</sup> Cf.: Marx, 8ª tese ad Feuerbach.

<sup>19</sup> Cf.: ALTHUSSER, Louis. Op. cit., /s.d./, p. 21. Marx, 6ª tese ad Feuerbach.

<sup>20</sup> ALTHUSSER, Louis. Op. cit., /s.d./, p. 23.

<sup>21</sup> Cf.: IA, p. 472ss, d415ss.

<sup>22</sup> Cf.: ALTHUSSER, Louis. Nota complementar sobre o humanismo real. In: *A polémica sobre o humanismo*. Lisboa: Presença, /s.d./, p. 61.

<sup>23</sup> *Ibidem*, p. 62.

<sup>24</sup> Cf.: ALTHUSSER, Louis. Marxismo e humanismo. In: *A polémica sobre o humanismo*. Lisboa: Presença, /s.d./, p. 35.

menos oculto - na verdade reelaborado - da nova concepção? A divisão do trabalho e as relações de produção capitalistas não representam, como muitos marxistas diriam espontaneamente, o *desumano*?

Althusser entende que algumas das expressões favoritas de Marx (na verdade, favoritas da esquerda hegeliana e do próprio Hegel), como *concreto, real etc.*, são palavras introduzidas na ideologia pela própria oposição à ideologia.<sup>25</sup> Ora, não seriam elas, em vez disso, o mais próprio da ideologia? O jovem (anti-)hegeliano Marx Stirner poderia concordar com Althusser: aquelas palavras estão na linha dos esforços para romper com o mundo das abstrações ou do *espírito*. Dos esforços que têm redundado, porém, apenas em tentativas para tornar o *espírito* (ou o *homem genérico*) algo de *real e objetivo*.<sup>26</sup> Por acaso Marx - agora com a palavra *científico* - representará uma ruptura absoluta com tudo isso, ou será antes a culminância disso tudo?

Althusser fala na *disparidade teórica entre um termo científico (socialismo) e um termo ideológico (humanismo)*.<sup>27</sup> Não será essa uma disparidade análoga à existente entre um *termo filosófico* (humanismo) e um *termo religioso* (cristianismo)? Sem dúvida, há uma diferença entre os pares *humanismo... real e socialismo... científico*, mas parece haver, também, uma certa homologia.

Em dado momento, Althusser manifesta dúvidas acerca da *existência concreta da universalidade do gênero humano atualmente* - preocupação singular para um anti-humanista convicto. Nem por isso, porém, ele deixa de concluir, pela importância de *denunciar e lutar* contra a fome, a exploração, a guerra e outras... desumanidades, com as quais o discurso humanista - segundo ele, *hipnotizador, cortina de fumaça etc.* - estaria na verdade solidário.<sup>28</sup> Bem, essa poderia ser também, e de fato é, repetidas vezes, a crítica de Marx: o humanismo (*filosófico*) está entre *impotente e hipócrita*, para realizar... o *humano*.

Não há por que negar que o princípio do *homem* (genérico) sofre uma transformação radical em 1845, na concepção materialista da história e no chamado socialismo científico. Em algumas formas que o marxismo tem assumido, o *recalcamento* de tal princípio chega quase a fazê-lo desaparecer; ainda que - e isso parece mesmo uma lei - apenas para deixá-lo ainda mais todo-poderoso. O fato, porém, é que o princípio do *homem* parece, implicitamente ou não, continuar sempre ali, a se fazer valer como medida, norma de ação e *telos*. A ter o seu papel como *universal fundante*, de atitudes e valores - morais, políticos e sociais. Marx, com sua *ciência nova*, obtém muito mais do que apenas uma maneira distinta de explicar os fatos e o desenrolar da história. Como deixa ver, por exemplo, outro importante marxista contemporâneo, Galvano Della Volpe, para quem a nova concepção oferece precisamente um *universal histórico* para ocupar o lugar do antigo *Espírito-Deus*!

O universal *transcendente* (Deus) terá sido útil até aqui, diz Della Volpe, mas sempre albergou, vejam só, um *egoísmo implícito*. E hoje, mais do que nunca, revelaria sua *impotência axiológica* de base, para fundar uma igualdade humana verdadeira.<sup>29</sup> Para o marxista italiano, a superação desse limitado ponto de vista envolveria a crítica da concepção rousseauista-cristã (*individualista*), de um *indivíduo abstrato* - solitário e pré-social. Marx seria quem oferece tal crítica, fornecendo, ao mesmo tempo, o

<sup>25</sup> Cf.: ALTHUSSER, Louis. Nota complementar sobre o humanismo real. In: *A polémica sobre o humanismo*. Lisboa: Presença, s.d./l. p. 63.

<sup>26</sup> Cf.: STIRNER, Max. *Der einzige und sein eigentum*, p. 407ss.

<sup>27</sup> ALTHUSSER, Louis. Marxismo e humanismo. In: *A polémica sobre o humanismo*. Lisboa: Presença, s.d./l. p. 33.

<sup>28</sup> ALTHUSSER, Louis. Carta a Michel Simon (de 14/5/65). In: *A polémica sobre o humanismo*. Lisboa: Presença, s.d./l. p. 217-8.

<sup>29</sup> Cf.: DELLA VOLPE, Galvano. *Rousseau y Marx*. Barcelona: Martínez Roca, 1975. p. 18 e 22.

universal finalmente encarnado na história: o *gênero histórico chamado gênero humano*. Della Volpe recorre a Marx para opor o que ele chama de *universalidade real histórica, própria do gênero humano*, àquela *irreal*, que transcende o humano.<sup>30</sup> Em Rousseau, a igualdade dos homens *abstratos* ensejaria apenas o *amor humanitário*, ou seja, envolveria uma simples *laicização da caritas cristã*, que decorre da relação de cada um *com o universal transcendente*. Em tal caso, o indivíduo humano seria *pessoa* - ou seja, valeria alguma coisa - pela sua união privada com aquele, e não, como em Marx, com *o universal histórico que é o gênero humano*.<sup>31</sup>

O universal *humano* teria sido primeiro descoberto na concepção *platônico-cristã* da natureza humana. Mas agora, como entende Della Volpe, com a crise de tal fundamento *metafísico, religioso e abstrato*, sua *função revolucionária* passa ao marxismo, que se coloca assim como continuidade e superação do rousseauismo e, pelo que se pode entender, também do cristianismo e do platonismo! Com Marx, a igualdade dos homens passaria a ser finalmente *substancial e real* (além de, por suposto, não-metafísica e não-religiosa) porque *social*.<sup>32</sup> Tal igualdade, aliás, é também a única que comporta a *liberdade real, a liberdade na comunidade e para ela*. Para o marxista italiano, o gênero ou universal humano, *ao qual o indivíduo pertence(!)*, é que pode agora efetivamente *investi-lo* com o valor e a dignidade de *pessoa*, dotá-lo de liberdade e de direitos.<sup>33</sup> Ora, se isso é a verdadeira concepção de Marx, ela se oferece como um alvo vulnerável à crítica anti-hegeliana de contemporâneos seus, como Bruno Bauer e Max Stirner, sem falar na de contemporâneos nossos, que Althusser gostaria de neutralizar...

De acordo com Mario Rossi, discípulo de Della Volpe, Marx, replicando ao individualista Max Stirner, opõe à individualidade stirneriana *pura e simplesmente a concepção materialista da*

*história*. Sendo assim, Rossi admite, esta não deve ser entendida apenas como um instrumento de interpretação da história, mas como uma doutrina da *fundação do indivíduo orgânico*, entendido como o único indivíduo verdadeiramente pessoal.<sup>34</sup> Através de tal doutrina, Marx teria estabelecido que *só organicamente unido aos outros* o indivíduo deixará de ser *contingente*, para tornar-se *pessoal* - sendo a revolução comunista, precisamente, o *ato de nascimento desse homem total*! Segundo Rossi, a concepção materialista da história opera uma *total resolução do indivíduo no corpo social (!)*; como único modo, entretanto, de lhe garantir um *âmbito total e limitado de manifestação pessoal*.<sup>35</sup>

Outro marxista, o polonês Adam Schaff, entende que a afirmação do *homem*, no marxismo, é a afirmação da verdadeira singularidade ou individualidade de cada um. Mesmo se Schaff não consegue para tal equação (homem marxiano=indivíduo singular), mais do que fórmulas *fracas* como essa: *O marxismo "admitirá" a tese da unicidade dos indivíduos, "reconhecerá" que todo indivíduo é único*, e que a personalidade humana constitui também *um "certo" valor*<sup>36</sup> (grifos nossos). É que aí o indivíduo continua entendido essencialmente como *parte* da natureza e da sociedade - ou seja, do gênero. E a *personalidade* continua considerada como um *produto social*, como uma *função das relações sociais*. O que significa, como o marxista polonês mesmo diz, que ela é *única* simplesmente pela *complexidade* de tal *produção*.<sup>37</sup>

<sup>30</sup> DELLA VOLPE, Galvano. Op. cit., p. 19-21.

<sup>31</sup> Idem, p. 21 e p. 17-8.

<sup>32</sup> Ibidem, p. 32-3 e p. 20.

<sup>33</sup> Ibidem, p. 20 e 25.

<sup>34</sup> ROSSI, Mario. *La concezione materialistica della storia (da Hegel a Marx)*. Milano: Feltrinelli, 1975. v. 4. p. 72-3.

<sup>35</sup> ROSSI, Mario. Op. cit., p. 168, 54 e 150.

<sup>36</sup> Cf.: SCHAFF, Adam. *Le marxisme et l'individu*. Paris: Armand Colin, 1968. p. 158.

<sup>37</sup> Idem, p. 110.

Schaff alardeia ainda as vantagens do marxismo como *antropologia antropocêntrica* (frente à *teocêntrica*, da religião), e como afirmação essencial da *autonomia do mundo humano*(?). Como se o esforço marxiano só pudesse ser entendido como um ataque contra a *heteronomia* do homem, firmada pela religião. É certo que Marx procura desenvolver seu combate às pretensões *individualistas e subjetivistas* do secularizado indivíduo moderno (radicalizados por Bruno Bauer e Max Stirner, contra os quais, Marx escreve a *Sagrada Família* e a *Ideologia Alemã*), como um prolongamento da crítica materialista, sua e de Feuerbach, à religião. Sabemos, porém, como seu empenho se enfrentava com a iniciativa inversa de seus adversários,

de enquadrar certas concepções humanistas e socialistas, elas sim, como *religiosas e heteronomistas...* com relação ao indivíduo realmente existente. Entregando a um humanismo ingênuo a defesa das prerrogativas do indivíduo enquanto *único e autônomo*, não admira que Schaff termine por concluir tal defesa com uma *catilinária religiosa* contra o *egoísmo moderno*. Termine por concluí-la com a proposição de que o socialismo é a verdadeira *doutrina do amor ao próximo*,<sup>38</sup> e de que o comunismo representa a *causa e a realização do homem novo*, ainda não existente.<sup>39</sup> São opiniões de marxistas que aparentemente trariam embaraço a Marx na polêmica com seus contemporâneos e, mais ainda, com alguns dos nossos.

<sup>38</sup> SCHAFF, Adam. Op. cit., p. 214ss e 186.

<sup>39</sup> *Ibidem*, p. 235, 187 e 206.

## Referências Bibliográficas

- 01-ALTHUSSER, Louis. Carta a Michel Simon (de 14/5/65). In: *A polêmica sobre o humanismo*. Lisboa: Presença, /s.d./.
- 02-\_\_\_\_\_. Marxismo e humanismo. In: *A polêmica sobre o humanismo*. Lisboa: Presença, /s.d./.
- 03-\_\_\_\_\_. Nota complementar sobre o humanismo real. In: *A polêmica sobre o humanismo*. Lisboa: Presença, /s.d./.
- 04-\_\_\_\_\_. Sobre a evolução do jovem Marx. In: *Posições 1*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- 05-BAUER, Bruno. *The genus and the crowd* [Die gattung und die masse]. In: *The Philosophical Forum*, Boston University, v. 8, n. 2, 3, 4, 1976.
- 06-DELLA VOLPE, Galvano. *Rousseau y Marx*. Barcelona: Martinez Roca, 1975.
- 07-HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia del espírito*. México: Fondo de Cultura Económica, 1973.
- 08-MARX, Karl. *Manuscripts de 1844*. Paris: Éditions Sociales, 1972.
- 09-MARX, Karl. *Thesen über Feuerbach*. In: *Marx & Engels werke*. Berlin: Dietz Verlag, 1958. v. 3.
- 10-MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *L'idéologie allemande*. Paris: Éditions Sociales, 1968.  
Em alemão: *Die deutsche ideologie*. *Marx & Engels werke*. Berlin: Dietz Verlag, 1958. v. 3.
- 11-\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. *La Sainte Famille*. Paris: Éditions Sociales, 1972.
- 12-ROSSI, Mario. *La concezione materialistica della storia (da Hegel a Marx)*. Milano: Feltrinelli, 1975. v. 4.
- 13-SCHAFF, Adam. *Le marxisme et l'individu*. Paris: Armand Colin, 1968.
- 14-STIRNER, Max. *Der einzige und sein eigentum*. Stuttgart: Reclam, 1985.